

Bioculturalidade do povo Tembé: um estudo de caso sobre estratégias de r-existência na Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG), no Pará, Brasil

Bioculturality of the Tembé People: a case study on strategies of r-existence in the Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG), Pará, Brazil

Carlos do Socorro Guerreiro VAZ^{1*}, Márlia Regina COELHO-FERREIRA², Flávia Cristina Araújo LUCAS¹

Artigo recebido em
18 de setembro de 2025

Versão final aceita em
27 de maio de 2026

Publicado em
13 de agosto de 2026

- 1 Universidade do Estado do Pará (UEPA), Pará, PA, Brasil.
- 2 Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), Pará, PA, Brasil.

* E-mail de contato:
carlos.vaz@uepa.br

Resumo: Este artigo analisa a bioculturalidade como estratégia de r-existência dos indígenas Tembé-Tenetejar, diante das ameaças ambientais e territoriais que incidem sobre a Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG), no Pará. A bioculturalidade, entendida como a interdependência entre biodiversidade, cultura e diversidade linguística, é essencial para a compreensão da relação dos povos indígenas com seus territórios e para a manutenção da identidade e sobrevivência dos povos indígenas. A pesquisa, de abordagem qualitativa, baseou-se em pesquisa bibliográfica e de campo, com observação participante, realizado entre 2023 e 2026 em diversas aldeias da TIARG. Os Tembé-Tenetejar, originários do Maranhão, sofreram deslocamentos e forte dinâmica de colonialismo, agravada pelas invasões territoriais ocorridas na TIARG na década de 1970. As mudanças climáticas, a perda da biodiversidade e os conflitos territoriais ameaçam profundamente suas práticas culturais e espirituais. Elementos da fauna e da flora essenciais à realização dos eventos bioculturais tornaram-se escassos, prejudicando seus rituais e a transmissão de saberes. Apesar das adversidades, os Tembé têm protagonizado ações de resgate cultural, reflorestamento, bioeconomia e gestão territorial, integrando saberes tradicionais com técnicas contemporâneas. A juventude tem assumido papel de destaque na defesa do território, fortalecendo a resiliência do povo e gerando esperança para as gerações indígenas vindouras. O estudo conclui que a valorização da bioculturalidade é vital para garantir a continuidade dos modos de vida Tembé e reforça a importância de políticas públicas que respeitem e promovam os direitos e a autonomia dos povos originários.

Palavras-chave: patrimônio biocultural; resiliência cultural; memória cultural; perda da biodiversidade; rituais indígenas; Amazônia paraense.

Abstract: This article analyzes bioculturality as a strategy of r-existence of the Tembé-Tenetejar Indigenous Peoples in the face of environmental and territorial threats to the Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG) in Pará. Bioculturality, understood as the interdependence between biodiversity, culture, and linguistic diversity, is essential for understanding the relationship between Indigenous peoples and their territories and for maintaining their identity and survival. This research, with a qualitative approach, was based on bibliographic and field research, with participant observation, carried out between 2023 and 2026 in several TIARG villages. The Tembé-Tenetejar, originally from Maranhão, have experienced displacement and a strong dynamic of colonialism, exacerbated by the territorial invasions that occurred within TIARG in the 1970s. Climate change, biodiversity loss, and territorial conflicts profoundly threaten their cultural and spiritual practices. Elements of the fauna and flora essential to the holding of biocultural events have become scarce, hampering their rituals and the transmission of knowledge. Despite these adversities, the Tembé have led initiatives of cultural recovery, reforestation, bioeconomy, and territorial management, integrating traditional knowledge with contemporary techniques. Youth have taken on a prominent role in defending the territory,

strengthening the people's resilience and generating hope for future Indigenous generations. The study concludes that valuing bioculturality is vital to ensuring the continuity of the Tembé way of life and reinforces the importance of public policies that respect and promote the rights and autonomy of Indigenous peoples.

Keywords: biocultural heritage; cultural resilience; cultural memory; biodiversity loss; indigenous rituals; Pará Amazon.

1 Introdução

No mundo contemporâneo, testemunhamos as crescentes ameaças ambientais, o avanço da globalização e as políticas de exploração que impactam as populações indígenas e seus territórios, afetando seus ecossistemas e, sobretudo, a sobrevivência dos conhecimentos tradicionais, das línguas e das formas de vida enraizadas em interações milenares com a natureza. O desmatamento, a grilagem de terras e outras atividades predatórias colocam em risco o meio ambiente e a própria sobrevivência cultural desses povos.

Os Tembé-Tenetehar são indígenas originários da Nação Tenetehara, do alto rio Pindaré, no Maranhão, que migraram para o Pará em meados do século XIX, estabelecendo-se nas bacias dos rios Acará, Capim, Guamá e Gurupi (Dias, 2010; Sales, 2000). Atualmente, eles vivem, em sua maioria, na Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG), na região Nordeste do Pará, localizada entre às margem direita do rio Guamá e a margem esquerda do rio Gurupi. Eles têm uma relação muito forte com a floresta, praticam agricultura tradicional, manejo sustentável dos recursos naturais e utilizam um vasto conhecimento sobre a biodiversidade. Além disso, integram rituais, plantas e animais simbólicos em sua cosmologia.

As sucessivas invasões do seu território desde a década de 1970 tem provocado a redução da biodiversidade e tem imposto limitações à realização das práticas tradicionais do povo Tembé-Tenetehar. A perda de elementos bioculturais tem comprometido a realização plena de seus rituais, transmissão de saberes e a continuidade de sua identidade étnica.

A partir deste contexto, este estudo busca responder: de que maneira a bioculturalidade se constitui como uma estratégia de r-existência dos povos indígenas, particularmente os Tembé-Tenetehar, frente às pressões externas? Para tanto, a investigação fundamenta-se nos seguintes questionamentos auxiliares: 1) Como a preservação da biodiversidade local e dos saberes tradicionais contribuem para a manutenção da cultura e do território dos Tembé-Tenetehar? 2) De que forma a escassez de elementos biológicos específicos impacta a continuidade dos rituais e a transmissão de saberes ancestrais?

A bioculturalidade surge como uma alternativa de r-existência e de preservação da identidade dos povos indígenas, oferecendo uma perspectiva holística para a conservação da biodiversidade. De acordo com Maffi (2014), bioculturalidade é um conceito recente que aborda a diversidade biológica de forma interconectada com a cultura, estabelecendo uma relação integrada entre biodiversidade, diversidade cultural e diversidade linguística, evidencian-

do uma interdependência entre a sobrevivência das sociedades humanas e a preservação da biodiversidade. Essa interdependência traz uma abordagem fundamental para compreender a relação dos povos indígenas com seus territórios. No caso dos Tembé-Tenetehar, essa relação se manifesta na utilização sustentável dos recursos naturais e na transmissão de saberes ancestrais.

A relação entre povos indígenas e biodiversidade também tem sido discutida internacionalmente a partir do conceito de Conhecimento Ecológico Tradicional (TEK), entendido como o conjunto de conhecimentos, práticas e crenças construídos historicamente pelas populações tradicionais em interação direta com os ecossistemas (Berkes et al., 2000; VijayKumar, 2019). Esses conhecimentos abrangem dimensões espirituais, culturais e ambientais, orientando formas sustentáveis de manejo e conservação da natureza. Nesse sentido, estudos globais apontam que muitos dos territórios indígenas coincidem com áreas de elevada diversidade biológica, evidenciando que a conservação da biodiversidade está diretamente relacionada à manutenção das culturas e cosmologias indígenas (Stepp et al., 2004; Garnett et al., 2018). Para Intergovernmental Science-Policy Platform on Biodiversity and Ecosystem Services (IPBES, 2019), os sistemas de conhecimento indígena têm fundamental importância no enfrentamento das crises ambientais atuais, particularmente frente às mudanças climáticas e à degradação dos ecossistemas.

Há necessidade de se compreender a relação intrínseca entre as culturas indígenas e a biodiversidade, especialmente em um contexto de degradação ambiental e ameaça ao modo de vida tradicional. A bioculturalidade emerge como um ponto-chave para entender como os povos indígenas têm resistido diante de conjunturas externas que comprometem seus territórios e seus saberes, através de uma reflexão sobre as estratégias de conservação e r-existência que esses povos adotam para garantir a continuidade de suas culturas e do meio ambiente que as sustentam.

O objetivo desta pesquisa é analisar a bioculturalidade como estratégia de r-existência dos indígenas Tembé-Tenetehar, diante das ameaças ambientais e territoriais que incidem sobre a TIARG, no Pará.

2 O Povo Tembé-Tenetehar: contextualização histórica

Os indígenas Tembé-Tenetehar vivem no estado do Pará desde meados do século XIX, e desde então estavam distribuídos desde o rio Gurupi até as cabeceiras dos rios Guamá, Capim e Acará (Dias, 2010; Sales, 2000). Em 1945, foi criada a Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG), pelo decreto nº 307, de 21 de março de 1945, que reservou a terra aos Tembé, Timbiras, Kaapor e Guajás, com uma área de 279.897 hectares, entre a margem direita do rio Guamá e a margem esquerda do rio Gurupi (Decreto nº 307, 1945). Com isso, os Tembé foram remanejados de suas antigas Aldeias para o interior do território recém criado.

Antes da criação da TIARG, os Tembé do Guamá¹ viviam na margem esquerda do rio Guamá em antigas Aldeias, com destaque para a Aldeia São José, que é referência para a memória cultural da etnia. Já os Tembé do Gurupi² viviam às margens do rio Gurupi, a maioria em território maranhense. Uma das aldeias importantes para os Tembé do Gurupi era a Aldeia Igarapé das Pedras, no território maranhense, onde morava a família da Capitoa Verônica, liderança Tembé de grande legado cultural para a atualidade, que só atravessou para o Pará na década de 90, com sua família, para fundar a Aldeia Teko-Haw.

Os Tembé preservam elementos de uma organização social fundamentada em estruturas de parentesco específicas. Segundo Wagley e Galvão (1961), a família é a unidade mais importante da estrutura social dos Tembé, extensa, constituída por outras famílias com laços de parentesco. Embora a hierarquia clânica tradicional tenha sofrido transformações ao longo do processo colonial, das invasões territoriais e das políticas assimilacionistas implementadas no século XX, a noção de pertencimento a grupos de descendência continua a orientar a vida comunitária e a sucessão de lideranças. Essa estrutura mantém vivos os protocolos de aliança e a distribuição espacial das famílias nas aldeias, garantindo que o parentesco proteja a etnia da fragmentação cultural imposta pela sociedade envolvente (Ribeiro & Meira, 2021). As relações de parentesco continuam exercendo papel central na organização social, na transmissão dos saberes ancestrais e na condução das práticas culturais e rituais. Em muitas aldeias, a memória das linhagens familiares permanece associada às lideranças históricas, aos pajés e aos núcleos responsáveis pela preservação das tradições culturais.

A partir de 1945, a implementação de políticas estatais e a abertura de frentes migratórias evidenciaram não um simples processo de aculturação, mas uma acentuada dinâmica de colonialismo e pressão externa. Este fenômeno manifestou-se por meio da espoliação de suas cosmovisões e da imposição de lógicas integracionistas, especialmente durante o avanço das frentes migratórias. O colonialismo aqui operou como uma força de desterritorialização que tentou substituir o modo de vida indígena por estruturas de produção e pensamento ocidentais, mas que foi confrontada pela agência e r-existência desse povo (Ribeiro & Meira, 2021). Esse cenário agravou-se na região do Guamá em meados do século XX, atingindo seu ápice na década de 1970, com a investida de grupos econômicos e a invasão massiva de posseiros na TIARG (Palmquist, 1981).

O marco inicial da invasão da TIARG foi quando o fazendeiro Mejer Kabacznike, vizinho da TIARG, ocupou e desmatou cerca de 6.000 hectares da reserva para implantação de pastagens, desde o rio Guamá até o rio Piriá, e abriu uma estrada no interior da TIARG, o que incentivou e facilitou a ocupação de novas áreas por outros fazendeiros e colonos, amparados pela força

1 Indígenas que vivem às margens do rio Guamá.

2 Indígenas que vivem às margens do rio Gurupi

política da região (Alonso, 1999). Tais invasões ocasionaram o desmatamento em grande escala, especialmente na região do Guamá, o que levou ao desaparecimento de plantas e animais silvestres tradicionalmente empregados pelos Tembé em suas terapias e rituais.

Nos relatos do indígena Izídio, em 1980, os Tembé já não falavam mais a própria língua, perderam seus cantos, suas danças e seus artesanatos, e em seu próprio território viviam como estrangeiros e marginalizados, considerados pelos caboclos como usurpadores da terra (“Os Tembé: em busca da indianidade perdida?”, 1980). O casamento interétnico, incentivado pelos próprios órgãos indigenistas, foi um dos fatores que contribuiu para o apagamento da cultura indígena e distanciou ainda mais os Tembé de suas raízes. De acordo com Palmquist (1981, p. 2), “da miscigenação com o branco adquiriram traços caboclos, e seu único laço de identidade é a vida comunitária e o auto-reconhecimento como índios”.

Assim, os Tembés foram transformando suas vivências, ressignificando suas relações e dando outros contornos ao seu cotidiano nas aldeias, o qual era vigiado e controlado pelos agentes do órgão indigenista, tanto do SPI quanto da FUNAI. Precisaram inventar, e reinventar, as formas como lidavam e se relacionavam com o outro e suas práticas impositivas, expressando toda uma criatividade para defender e “salvaguardar”, em seus próprios termos, os referentes da identidade e cultura tenetehar-tembé, mesmo que estes caíssem em aparente invisibilidade ou “dormência” nesse processo (Ribeiro & Meira, 2021, p. 22).

Segundo Palmquist (1981), o futuro do povo Tembé estava seriamente ameaçado e, para reverter esse cenário, era necessário regularizar suas terras e salvaguardar sua identidade indígena. O território era palco de muitos conflitos fundiários, o que provocava incertezas sobre a manutenção das terras para os Tembé. Na década de 1990, uma grande decadência da cultura e da identidade Tembé já era notada e registrada nos relatórios do CIMI e da própria FUNAI.

Diante dessas fortes ameaças, os indígenas despertaram para a necessidade de resistir e lutar para recuperar sua indianidade, pois, só assim, poderiam reivindicar seu território, que ainda não estava demarcado, embora criado desde 1945. A luta pelo território virou o foco central das discussões entre os indígenas, políticos e órgãos indigenistas. Para os Tembé, segundo Ribeiro e Meira (2021, p. 03), “lutar pelo território significa defender a vida para as atuais e futuras gerações, bem como para os demais seres que nele também habitam: animais, plantas, espíritos, os brancos etc”.

Portanto, o território para os Tembé não se limita a um espaço geográfico, mas abrange todas as relações presentes nele, sejam materiais ou imateriais. Essas relações estão diretamente relacionadas com o patrimônio biocultural ali existente, envolvendo elementos culturais e da biodiversidade e concepções espirituais sobre os seres encantados e espíritos da floresta que têm um papel

importante na proteção desta e de todos os elementos de valor simbólico para esse povo.

3 Metodologia

O presente trabalho trata de um estudo de caso, com uma abordagem qualitativa que, segundo Gil (2021, p. 57), tem como propósito “estudar a experiência vivida das pessoas e ambientes sociais complexos, segundo a perspectiva dos próprios atores sociais”. Este estudo fundamenta-se na pesquisa bibliográfica e de campo.

A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir de relatórios institucionais (Serviço de Proteção ao Índio – SPI, Fundação Nacional dos Povos Indígenas – FUNAI, Instituto Socioambiental – ISA e Conselho Missionário Indigenista – CIMI), literatura acadêmica sobre bioculturalidade (Luisa Maffi, Victor M. Toledo e Narciso Barrera-Bassols, Fikret Berkes e Darrell Posey) e sobre políticas públicas e história do povo Tembé-Tenetehar (Noemia Sales, Sara Alonso, Benedito Ribeiro, Márcio Meira e Cláudia Kahwage). A pesquisa de campo foi realizada nas Aldeias Frasqueira, Ita-Putyr, São Pedro, Sede e Tawari, na TIARG, no período de julho de 2023 a janeiro de 2026.

A TIARG situa-se na mesorregião nordeste do Pará, abrangendo os municípios de Nova Esperança do Piriá (cerca de 149 mil hectares), Paragominas (cerca de 93 mil hectares) e Santa Luzia do Pará (cerca de 37 mil hectares), e limitando-se, no Pará, com os municípios de Garrafão do Norte, Capitão Poço, Viseu e Cachoeira do Piriá e, no Maranhão, pela Terra Indígena Alto Turiaçu (Valente, 2017) (Figura 1). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023) há 1.926 indígenas vivendo na TIARG, onde a grande maioria é Tembé.

As atividades de campo envolveram a participação de onze interlocutores diretos, selecionados por amostragem não probabilística em “Bola de Neve”, ou seja, seleção de participantes a partir da indicação de um ou mais informantes-chave (Vinuto, 2014). Foram ouvidos cinco anciãos (três homens e duas mulheres); quatro professores (um homem e três mulheres) e duas lideranças jovens (homens), o que garantiu a representatividade da diversidade geracional e de gênero da comunidade.

As técnicas de pesquisa aplicadas incluíram observação participante (Gil, 2021) e conversas informais, pois estas priorizam a natureza relacional e o respeito aos protocolos éticos e culturais indígenas, permitindo que os interlocutores compartilhem seus conhecimentos de forma fluida e contextualizada (Kovach, 2010). Foram feitos, ainda, registros de áudios, vídeos e fotografias. As conversas foram estruturadas em torno de eixos temáticos como: a memória do território antes das invasões, os animais e plantas essenciais para os

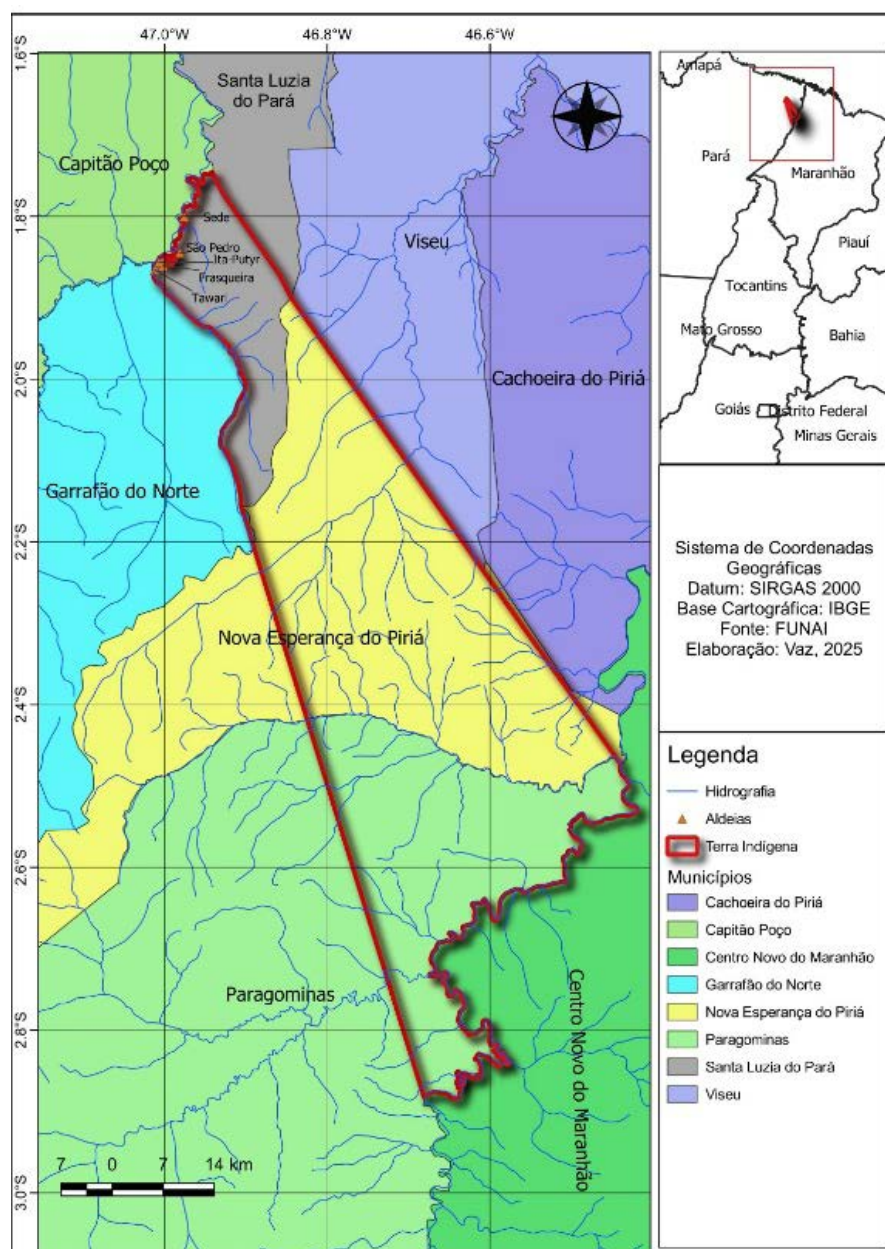


Figura 1
 Mapa da TIARG

rituais (como a Festa da Menina Moça³ e a Festa das Crianças⁴) e as dificuldades atuais para a realização dessas práticas.

A análise dos dados seguiu os preceitos da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), iniciando pela organização e transcrição dos registros de áudio, vídeos e notas de campo obtidos entre 2023 e 2026, seguido pela identificação das unidades de significado recorrentes nas falas dos interlocutores e, finalmente,

3 A Festa da Menina Moça é o ritual de passagem de meninas e meninos para a fase adulta. Ela ocorre em três etapas: 1. Tocaia (período de reclusão de 7 dias, assim que a moça entra na menarca); 2. Festa do Mingau (apresentação da moça à comunidade, com preparo e distribuição do mingau de Manicuera, feito de mandiocaba); e 3. Festa do Moqueado (as moças e rapazes iniciados são pintados com sumo de jenipapo e distribuem farofa de animais específicos previamente moqueados aos convidados. Essa etapa dura uma semana, com cantoria e dança todos os dias.

4 Ritual de iniciação de crianças Tembé.

pelo agrupamento dos dados em categorias temáticas. Estas foram definidas com base na frequência e relevância dos relatos sobre a interdependência entre biodiversidade e cultura, permitindo identificar interconexões entre a degradação ambiental e os processos de enfraquecimento cultural observados na TIARG.

Para a pesquisa de campo seguiu-se os protocolos éticos estabelecidos para pesquisas com populações indígenas, incluindo autorizações da FUNAI (autorização nº 50/AAEP/2024), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) (Parecer 7.203.312/CONEP) e cadastro no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado (SISGEN) (nº AD798AC).

4 Resultados e Discussão

Os sujeitos desta pesquisa compreendem integrantes do povo Tembê-Teneteihar residentes em diferentes aldeias da TIARG. A caracterização da amostragem buscou contemplar a diversidade geracional e de gênero, envolvendo desde anciãos – guardiões da memória histórica e dos ritos ancestrais – até lideranças jovens engajadas na vigilância territorial. Esta composição permitiu captar diferentes percepções sobre a r-existência e a bioculturalidade, refletindo tanto a preocupação com a perda de saberes quanto o protagonismo das novas gerações na retomada cultural. A análise dos dados, fundamentada na Análise de Conteúdo de Bardin (2011), permitiu a emersão de unidades de significado que, após sucessivas etapas de exploração e tratamento, foram agrupadas em três categorias centrais: Impactos Ambientais na Bioculturalidade; Simbolismo da Fauna e da Flora e R-existência e Memória Territorial. Essas categorias revelam a relação entre biodiversidade, território e manutenção da identidade cultural Tembê-Teneteihar, conforme discutido a seguir.

4.1. Impactos Ambientais na Bioculturalidade

Os problemas socioambientais atuais têm colocado a bioculturalidade sob crescente ameaça em diversas partes do mundo. Mudanças climáticas, ameaças à biodiversidade, esgotamento das reservas pesqueiras, desmatamento, conflitos da sociedade, figuram entre os principais fatores que comprometem essa complexa rede de relações socioecológicas (Toledo & Barrera-Bassols, 2015). Essas ameaças não apenas colocam em risco os ecossistemas, mas também afetam profundamente os modos de vida, saberes tradicionais e a continuidade cultural de povos indígenas e comunidades tradicionais.

Ao longo do século XX, os Tembê enfrentaram diversas ameaças à sua bioculturalidade, desencadeadas por dois eventos principais: a criação da TIARG, em 1945, que requereu o deslocamento compulsório dos Tembê de suas antigas aldeias para o novo território, alterando seus modos de vida e sua cultura tradicional; e as invasões do território a partir da década de 1970, por

fazendeiros e colonos, que intensificaram a pressão sobre a biodiversidade da TIARG.

A análise desta categoria evidencia que a degradação ambiental na TIARG é percebida como uma ameaça à continuidade da identidade Tembé. Como destaca o Cacique Manoel Tembé (Dhedha) da Aldeia Ita-Putyr ao falar sobre o futuro: “Hoje nós sabe da onde nós viemos, nós sabe onde nós estamos, agora daqui nós não sabe pra onde a gente vai, porque as coisa tá se acabando»⁵. Essa incerteza demonstra que o impacto ambiental gera uma ruptura na projeção da identidade Tembé para as futuras gerações.

Torna-se urgente compreender e enfrentar as múltiplas ameaças à bioculturalidade, reconhecendo o papel central das populações locais na conservação do patrimônio biocultural. Dentre as ameaças à bioculturalidade, vale destacar as mudanças climáticas, a redução da biodiversidade e os conflitos do território, relacionando-os aos impactos sobre a bioculturalidade indígena e, particularmente, do povo Tembé-Teneteihar.

4.1.1. Mudanças Climáticas

As mudanças climáticas e suas ameaças vivenciadas atualmente são um reflexo da exploração desenfreada dos recursos naturais para atender às necessidades impostas pelo modo de vida contemporâneo, onde o consumismo tornou-se uma prática cultural do mundo moderno. De acordo com a Convenção sobre mudança do Clima,

‘Mudança do Clima’ significa uma mudança de clima que possa ser direta ou indiretamente atribuída à atividade humana que altere a composição da atmosfera mundial e que se some àquela provocada pela variabilidade climática natural observada ao longo de períodos comparáveis (Ministério da Ciência e Tecnologia [MCT], 2005, p. 05).

O aumento gradativo das temperaturas está alterando as condições climáticas e ameaçando o equilíbrio da natureza, resultando em oito efeitos decorrentes das mudanças climáticas: temperaturas mais altas, temperaturas mais severas, aumento da seca, um oceano cada vez mais quente e maior, perda de espécies, comida insuficiente, mais riscos para a saúde e pobreza e deslocamento (Nações Unidas, 2022). Segundo Maffi e Woodley (2010), essa vulnerabilidade está intrinsecamente ligada à diversidade cultural, pois a maioria das populações mais vulneráveis do meio rural é formada por grupos indígenas e tradicionais, que já enfrentam impactos significativos.

As condições ambientais locais, causadas pelas mudanças climáticas, também podem influenciar a cultura de um povo, como, por exemplo, a culinária, as vestimentas, e outros. Efetivamente, as mudanças climáticas têm impactado diretamente as comunidades tradicionais e indígenas, alterando padrões ecológicos e afetando práticas culturais. Nos últimos anos, comuni-

5 Entrevista com Manoel de Jesus Reis Tembé (Dhedha), na Aldeia Ita-Putyr.

dades ribeirinhas da Amazônia têm enfrentado cheias e secas mais intensas, prejudicando a pesca e a agricultura de subsistência. Em 2023 e 2024, no rio Amazonas, foram registradas as piores secas da história, impactando comunidades indígenas e ribeirinhas que dependem dos rios para alimentação, transporte e práticas culturais.

A estiagem de 2023 causou muitos efeitos adversos nas comunidades da Amazônia, incluindo o isolamento de milhares de ribeirinhos e a morte de botos e peixes, afetando a pesca, o acesso à água e outras atividades econômicas da região. Na Comunidade do Tumbira, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do Rio Negro, no Amazonas, a estiagem prejudicou os ribeirinhos que dependem do rio para a logística fluvial, principalmente os do setor econômico, já que 70% da economia da comunidade provém do turismo comunitário (Pinheiro, 2023). A autora relata que o ano letivo escolar também foi afetado, haja vista que os alunos que moram nas comunidades vizinhas não conseguiram chegar à escola. A exemplo da comunidade Tumbira, outras comunidades localizadas às margens do rio Negro também enfrentaram os mesmos desafios.

Na Terra Indígena Jarawara/Jaramadi/Kanamati, a seca na calha do rio Purus prejudicou 10 aldeias, impossibilitando o funcionamento do transporte escolar, a entrada de equipes de saúde e, principalmente, a pesca, enquanto que na Terra Caititu, as queimadas associadas à estiagem causaram a morte de animais e a destruição de plantações, comprometendo a segurança alimentar e a saúde dos habitantes (Lima & Apel, 2023).

Em 2024, a estiagem na Amazônia ainda foi mais forte que em 2023, considerada a mais severa já registrada, com impactos expressivos em territórios indígenas de diversos estados. Em maio, 17 territórios indígenas vivenciaram seca extrema e outros 90 sofreram com seca grave, especialmente nos estados do Amazonas, Mato Grosso, Acre, Rondônia e Tocantins; em julho, a seca extrema atingiu 42 territórios – 53% dos territórios indígenas da Amazônia brasileira –, afetando domicílios, escolas e unidades de saúde (Gerência de Monitoramento Territorial Indígena da Coiab [GEMTI], 2024).

Na TIARG, o ano de 2024 foi marcado pela incidência de diversos focos de incêndios ocasionados pelo longo período de estiagem, o que mobilizou diversas frentes de combate ao fogo, pela Brigada de Guardiões Indígenas e por outros grupos independentes (Figura 2). Além de colocar em risco a população e ter provocado a perda de roças e áreas de caça, as queimadas também afetaram as atividades bioculturais realizadas pelos Tembé. Na Festa das Crianças, realizada na Aldeia Tawari em julho de 2024, observamos que os organizadores tiveram dificuldades para encontrar o cipó-canoinha (*Secondatia densiflora* A.DC.), cuja resina é necessária à ornamentação das crianças iniciadas, pois as plantas foram destruídas por queimadas na região.

Outras espécies vegetais como o breu (*Protium hepytaphyllum* (Aubl.) Marchand), o jutaí-cica (*Martiodendron elatum* [Duck] Gleason) e o tauari (*Couratari guianensis* Aubl.) são fundamentais nos rituais para a defumação



Figura 2

Indígenas Tembê controlando foco de incêndio na TIARG, em 2024.

FONTE: Cruz, 2024

e limpeza espiritual durante a Festa do Moqueado e a Festa das Crianças (já citados na nota 3). Pela sua natureza inflamável, essas espécies são sensíveis ao fogo. Sobre o tauari, Bewari Tembê relata: “eu vou falar assim do tauari por causa que tá... esse desmatamento aí, como é que chamam? queima, né? desmatamento que eu falo é a queima. Rapá! mata muito, né? Esse negócio de queimada aí tá...”⁶. Piná Tembê acrescenta que o tauari: “Ele tem uma coisinha que ele tem facilidade de pegar fogo”⁷. Segundo Piná, o tauari é tão inflamável “que a capa dele é que a gente faz o cigarro pra fazer... é porque há facilidade de pegar fogo demais. Qualquer fogo queima ele”.

As falas de Bewari e Piná demonstram que o tauari é facilmente alcançado pelo fogo e, por isso, as queimadas ocorridas na região têm destruído as árvores, tornando difícil a coleta desse elemento para os rituais bioculturais Tembê.

As queimadas também afetam a fauna local, pois ocasionam a migração de animais para outras regiões. A correlação entre a diminuição da fauna e a fragilização cultural é direta pois as carnes de animais como mutum (*Crax fasciolata* Spix, 1825), nambu (*Crypturellus parvirostris* Wagler, 182), porcão (*Tayassu pecari* Link, 1795) e guariba (*Alouatta guariba* Humboldt, 1812) são consideradas sagradas na Festa do Moqueado.

Os efeitos observados demonstram que os eventos climáticos extremos agravam a vulnerabilidade socioambiental, comprometendo práticas culturais tradicionais e ameaçam diretamente a bioculturalidade dos povos da floresta.

4.1.2. Redução da Biodiversidade

O declínio da biodiversidade global compromete seriamente os serviços ecossistêmicos essenciais que sustentam as culturas tradicionais. Esses serviços

⁶ Entrevista com Bewari Farias dos Reis (Bewari Tembê), na Aldeia Sede

⁷ Entrevista com Antônio Sarmento dos Santos (Piná Tembê), na Aldeia Ituaçu.

incluem a sustentação da qualidade do ar, da água doce e dos solos, a distribuição de água doce, a regulação climática, a polinização, o controle de pragas e a redução do impacto dos desastres naturais (IPBES, 2019).

A perda acelerada de espécies e de ecossistemas provocada por desmatamento, mudanças climáticas, poluição e atividades econômicas predatórias, afeta diretamente saberes e práticas socioculturais que dependem de elementos naturais específicos. A erosão progressiva da diversidade do conhecimento tradicional e dos sistemas de valores também implica uma perda global, pois há um esgotamento das soluções adaptativas criadas pelo homem ao redor do mundo para lidar com questões socioambientais (Maffi & Woodley, 2010).

Em diversas culturas tradicionais, plantas e animais não são apenas recursos utilitários, mas elementos simbólicos integrados à cosmologia, à espiritualidade e à memória coletiva, que constituem saberes próprios daquele grupo que são passados oralmente de geração a geração. Portanto, os povos indígenas tornam-se vulneráveis às mudanças climáticas e à degradação dos habitats, pois a destruição de plantas e animais compromete a realização de festas, rezas e rituais característicos das diferentes culturas indígenas.

Ao destruir a diversidade biológica silvestre, a variedade genética das espécies domesticadas de plantas e animais, as milhares de culturas identificadas pelos genes ou pela língua e, conseqüentemente, a experiência acumulada em forma de sabedorias locais ou tradicionais, a civilização industrial está acabando com os principais componentes do complexo biocultural da espécie humana (Toledo & Barrera-Bassols, 2015, p. 238).

Através da observação de Toledo e Barrera- Bassols, é perceptível que as práticas bioculturais de comunidades tradicionais e indígenas estão sob constante ameaça, especialmente pela crescente degradação ambiental que compromete a biodiversidade necessária à realização de seus rituais.

A redução da biodiversidade na TIARG tem ocasionado dificuldades para a realização dos eventos bioculturais do povo Tembé. A caçada aos animais que serão utilizados nos rituais é cada vez mais distante, muitas vezes extrapolando os limites do território até a Terra Indígena Alto Turiaçu, no estado do Maranhão. Verifica-se que as festividades são realizadas, mas diferentes em alguns aspectos de sua forma original, devido à falta, à pouca quantidade, ou mesmo, à substituição de algum elemento ritualístico.

A relação identificada entre a redução da disponibilidade de determinadas espécies vegetais e animais e as dificuldades para realização dos rituais também encontra respaldo em estudos internacionais sobre Conhecimento Ecológico Tradicional (TEK). Berkes et al. (2000) destacam que os sistemas tradicionais de conhecimento constituem processos adaptativos construídos historicamente a partir da interação contínua entre comunidades humanas e seus ambientes naturais. Segundo VijayKumar (2019), a perda de componentes ecológicos específicos pode comprometer não apenas aspectos materiais de subsistência, mas também dimensões simbólicas, espirituais e culturais que

organizam a vida coletiva. Entre os Tembê-Tenetehar, observou-se dinâmica semelhante, uma vez que a dificuldade de acesso a espécies utilizadas em rituais e práticas tradicionais repercute diretamente na transmissão intergeracional de conhecimentos e na manutenção da memória biocultural do povo.

4.1.3. Conflitos pelo Território

Um dos problemas vivenciados no Brasil pelas comunidades tradicionais e indígenas é a luta pela terra, marcada por conflitos e violência. Em 2024, o Brasil registrou 2.185 conflitos no campo, dos quais a maioria envolve indígenas, sobretudo nas áreas de expansão de agronegócios, na Amazônia e região Nordeste (Comissão Pastoral da Terra [CPT], 2025).

Durante aproximadamente 50 anos, a TIARG foi palco de conflitos entre indígenas, colonos, madeireiros, garimpeiros e fazendeiros. Após várias tentativas de retirar os fazendeiros e posseiros, algumas exitosas e outras não, o governo federal começou desocupar pacificamente a população não indígena que ocupava ilegalmente a TIARG, em 3 de maio de 2023 (Ministério Público Federal [MPF], 2023). Em julho de 2023 todos os invasores já haviam sido removidos do território. Contudo, a Força Nacional manteve vigilância permanente até eliminar qualquer risco de reocupação ilegal do território.

Ao longo do período de ocupação irregular da TIARG, a biodiversidade natural sofreu uma grande pressão. A floresta primária foi progressivamente substituída por pastagens, agricultura em larga escala e agricultura familiar realizada pelos colonos que habitavam aquelas terras. Além disso, a exploração de madeira pelas grandes madeireiras dos municípios limítrofes contribuiu para a redução da floresta. Todos esses fatores corroboraram para que a floresta fosse reduzida a 2/3 da sua estrutura original, com grave prejuízo para a biodiversidade.

Diversas práticas bioculturais centrais dos Tembê do Guamá, como a Festa da Menina Moça e a Festa das Crianças, deixaram de ser realizadas por cerca de seis décadas. Segundo Ribeiro e Meira (2021), um dos motivos foi o deslocamento compulsório dos Tembê para o novo território, a partir de 1945, deixando para trás suas aldeias de referência ancestral, gerando desmotivação e tristeza aos indígenas.

Todos os motivos elencados estão relacionados com a pressão exercida sobre o território, tanto pela sociedade civil, que almejava a ocupação do território, quanto pelas próprias instâncias governamentais, que intencionavam descaracterizar a identidade Tembê-Tenetehar para, enfim, retomar o território e lotear entre migrantes atraídos pelas políticas de incentivo e ocupação da Amazônia. Gonçalves e Machado (2024) destacam que a floresta da TIARG tem sido protegida com mais efetividade à medida que os direitos ao território vão sendo garantidos, desde sua identificação, demarcação, titulação e, finalmente, a sua desintrusão definitiva, ocorrida em 2023.

Os conflitos pelo território repercutem diretamente sobre a bioculturalidade indígena, pois afeta a continuidade dos modos de vida baseados na relação

simbiótica do homem com a natureza. Também os saberes tradicionais, as práticas espirituais e os modos de organização social são prejudicados, pois dependem diretamente dos ecossistemas locais. Em áreas de conflito, os moradores restringem seu acesso às áreas naturais, comprometendo a coleta de produtos medicinais da floresta e de plantas e animais que seriam utilizados em seus rituais.

Portanto, a luta pelo território é também uma luta pela continuidade de sistemas de vida que articulam conservação da biodiversidade, justiça social e soberania cultural. Quando os povos indígenas conseguem garantir o direito ao seu território, os impactos são positivos tanto para a conservação ambiental quanto para a preservação cultural. Garnett et al. (2018) tem observado que as terras indígenas e os territórios de uso coletivo são mais eficazes na proteção da biodiversidade do que muitas áreas de conservação estritamente protegidas. Isso ocorre porque as práticas tradicionais de manejo, orientadas por sistemas de conhecimento ecológico local, promovem a resiliência dos ecossistemas e reforçam o uso sustentável dos recursos naturais.

4.2. Simbolismo da Fauna e da Flora

No caso do povo Tembé-Tenetehar, muitos de seus rituais dependem do uso de plantas e animais da floresta, os quais possuem significados mitológicos, espirituais e terapêuticos fundamentais para a formação identitária dos indivíduos. Durante os rituais da Festa do Moqueado, por exemplo, observa-se o culto aos animais como símbolos sagrados, considerados talismãs e protetores, capazes de transmitir saberes e qualidades essenciais para a vida dos iniciados (Kahwage & Mendonça, 2017).

Ao tratar os dados desta categoria, estabeleceu-se que a relação entre a escassez biológica e a fragilidade ritual é central na cosmologia Tembé. Durante nossa pesquisa, o nambu, o mutum, o porcão (queixada) e a guariba foram destacados pelos entrevistados como os mais importantes para a realização da Festa do Moqueado.

Segundo Furtado e Pilletti (2022), esses animais ocupam papel central nas festividades dos Tembé, tanto pela sua presença física, quanto pelos seus atributos simbólicos – força, fartura, beleza e musicalidade -, valores que serão transferidos aos iniciados e que os acompanharão ao longo de sua trajetória. A perda desses elementos compromete a manutenção da cultura, a transmissão dos saberes e a continuidade da identidade cultural.

Nos rituais de iniciação, os jovens iniciados e os convidados da Festa do Moqueado devem consumir carnes desses animais, que são consideradas sagradas e necessárias para a dieta prescrita nos ritos de passagem, e que simbolizam força e conexão com a floresta e que validam a transição do jovem para a maturidade.

A escassez de animais como o nambu, o mutum, o porcão e a guariba, impacta diretamente o cardápio ritualístico da Festa do Moqueado, pois tais animais possuem significado espiritual profundo (Furtado & Pilletti, 2022).

Sem o acesso a esses seres, o rito torna-se incompleto ou impossibilitado, gerando um vácuo na transmissão de conhecimentos práticos (caça e manejo) e cosmológicos (mitos associados à fauna), o que fragiliza a base da r-existência biocultural Tembê.

Quando animais como a guariba desaparecem do território devido à pressão ambiental, o ciclo ritual é interrompido ou simplificado, resultando na perda da transmissão oral de narrativas associadas a esses seres e, consequentemente, no enfraquecimento da memória biocultural das novas gerações. A guariba tem fundamental importância na Festa do Moqueado, pois é considerada pelos Tembê como a “Dona da Festa”, sem a qual a festa não seria realizada em hipótese alguma⁸.

A dificuldade em obter os animais sagrados (como o nambu e o porcão) para a Festa do Moqueado força adaptações que colocam em risco o rigor da tradição Tembê. À medida que tais animais se tornam raros na região do Guamá, e até mesmo na região do Gurupi, eles têm sido substituídos por outros com certa similaridade. O nambu tem sido substituído por outros pássaros de mesmo porte, inclusive por galinha doméstica (*Gallus gallus domesticus* L., 1758). A substituição do mutum por jacú (*Penelope pileata* Wagler, 1830) tem sido recorrente. O porcão é comumente substituído pelo caititu (*Pecari tajacu* Linnaeus, 1758). Além destes, a diminuição de espécimes de gavião (*Harpia harpya* L., 1885) tem ocasionado a substituição de suas penugens por chumaços de algodão, na ornamentação do peito e braços dos iniciados, na Festa das Crianças.

Há ocasiões em que os animais sagrados são caçados bem antes do período adequado de caça para a Festa do Moqueado, já prevendo a dificuldade em obtê-los na semana do evento, e são conservados até o momento da Festa⁹. Esta decisão é uma estratégia para garantir que animais fundamentais à realização do ritual estejam presentes na Festa. Esta unidade de significado comprova que a ausência da fauna sagrada obriga o povo Tembê a adaptar ritos ancestrais para evitar o desaparecimento total da prática.

As plantas necessárias aos rituais tais como: tauari, breu, jenipapo (*Genipa americana* L.) e outros, também são encontradas com dificuldade nas matas da redondeza ou são encomendadas de outros locais. De acordo com Zytyk Tembê, “hoje em dia já não é tão fácil como antes, porque tá cada vez mais longe de encontrar essas plantas”.

O tauari é de suma importância para os rituais, pois sua entrecasca é utilizada para a fabricação do cigarro de tauari, que é utilizado para controlar a ação de espíritos durante os rituais da Festa do Moqueado e da Festa das Crianças. Breu e jutaí-cica também são plantas utilizadas em defumações para proteção do local onde ocorre a Festa do Moqueado. Já o cipó-canoinha é utilizado como elemento colante para aderir penugens de gavião ao peito

8 Entrevista com Sinei Braga Reis Tembê, na Aldeia São Pedro.

9 Entrevista com Zytyk de Souza Reis Tembê, na Aldeia Frasqueira.

e braços dos meninos e meninas iniciadas. O jenipapo é importante para a extração da tintura a ser usada na pintura corporal, que manifesta grafismos próprios da etnia Tembê, específicos para cada ocasião ritualística.

Esse cenário é particularmente preocupante em regiões de alta diversidade biocultural, como a Amazônia, onde o empobrecimento da biodiversidade implica também no enfraquecimento das línguas e das culturas indígenas. A decadência da língua, por sua vez, contribui para a perda do conhecimento medicinal tradicional, uma vez que grande parte dos saberes sobre as plantas e seus serviços são codificados em suas línguas (Cámara-Lereta & Bascompte, 2021). Assim, a conservação da biodiversidade é inseparável da proteção dos modos de vida e dos territórios dos povos tradicionais, representando um eixo central para a sustentabilidade cultural e ecológica.

Os achados desta pesquisa também dialogam com as contribuições de Posey (1999), que compreende os conhecimentos indígenas como sistemas complexos e integrados de manejo e conservação da natureza. Para o autor, a biodiversidade não deve ser entendida apenas em sua dimensão biológica, mas também a partir de seus significados culturais, espirituais e simbólicos. Nessa perspectiva, os recursos naturais utilizados pelos indígenas, vão além de uma função estritamente utilitária, pois constituem elementos essenciais para a organização social, a identidade coletiva e a continuidade dos saberes ancestrais. Entre os Tembê-Tenetejar, observou-se similaridade nessa dinâmica, uma vez que espécies vegetais e animais empregadas em rituais, práticas terapêuticas e manifestações culturais possuem valores que ultrapassam sua materialidade ecológica, integrando processos de transmissão cultural e fortalecimento da memória biocultural.

4.3. R-existência e Memória cultural

Os povos indígenas desempenham um papel fundamental na conservação do patrimônio biocultural, integrando práticas tradicionais e conhecimentos ancestrais que promovem a sustentabilidade dos ecossistemas. Segundo Garnett et al. (2018, p. 369), “os povos indígenas frequentemente expressam profundos laços espirituais e culturais com suas terras e afirmam que os ecossistemas locais refletem milênios de sua gestão”. Sua relação intrínseca com a natureza resulta em estratégias eficazes de manejo e preservação ambiental. De acordo com VijayKumar (2019, p. 4), “esse corpo de conhecimento está profundamente enraizado nas experiências culturais, espirituais e práticas das comunidades indígenas, abrangendo uma compreensão holística do mundo natural que muitas vezes está ausente nas estruturas científicas convencionais”.

As abordagens científicas fornecem dados relevantes sobre os processos ecológicos, mas frequentemente desconsideram o conhecimento contextual e vivencial acumulado pelos povos indígenas. No entanto, a combinação dos saberes indígenas com estratégias de conservação contemporâneas proporciona um caminho para lidar com os desafios urgentes da diminuição da biodiversidade, o que favorece um entendimento mais abrangente dos ecossistemas,

potencializando a efetividade das ações de preservação (VijayKumar, 2019). O autor demonstrou que o Conhecimento Ecológico Tradicional (TEK) pode contribuir para a conservação da biodiversidade e oferecer dados relevantes sobre práticas eficientes de gerenciamento de recursos.

VijayKumar tomou como exemplo os casos exitosos de integração de TEK com práticas modernas na Nova Zelândia, Austrália, nos Andes e no Ártico. Na Nova Zelândia ele citou o caso do povo Maori, que conseguiu o reconhecimento de personalidade jurídica ao rio *Whanganui* como um ancestral vivo, ganhando autonomia na gestão do rio, e consequentes melhorias ambientais e revitalização cultural. Na Austrália, as práticas de manejo do fogo, realizadas tradicionalmente pelos indígenas, têm ganhado reconhecimento por sua eficácia na conservação da biodiversidade e na prevenção de incêndios florestais. Nos Andes, o povo *Quíchua* preserva variedades únicas de batata por meio de práticas agrícolas tradicionais adaptadas à biodiversidade local e, recentemente, através da integração de técnicas modernas, fortalecendo a segurança alimentar, a conservação da agrobiodiversidade e a identidade cultural *Quíchua* frente aos desafios ambientais contemporâneos. No Ártico, os *Inuit* utilizam seu TEK para gerir recursos marinhos, sustentando seus modos de vida em um ambiente extremo.

No sul e sudoeste do Amazonas, através de ações de manejo sustentável de produtos da sociobiodiversidade, as comunidades indígenas Apurinã, Paumari, Jamamadi e Deni, residentes em seis territórios indígenas, auxiliaram na preservação de um estoque de carbono equivalente a 114 milhões de árvores em pé (Neomondo, 2022).

O projeto “Parentas que Fazem”, promovido pela Fundação Amazônia Sustentável (FAS), mapeou 118 organizações lideradas por mulheres indígenas na Amazônia, promovendo a valorização de saberes ancestrais e fortalecendo a economia indígena através do artesanato, da agricultura, do extrativismo e da medicina tradicional (Fundação Amazônia Sustentável [FAS], 2025).

O projeto Ywy Ipuranguete visa implementar Planos de Gestão Territorial e Ambiental (PGTAs) em 15 terras indígenas nos biomas Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga e Pantanal, elaborados com a participação ativa das comunidades indígenas, com o objetivo de contribuir para a conservação de seis milhões de hectares de terras indígenas brasileiras, promovendo a sustentabilidade e a proteção da biodiversidade (Fundo Brasileiro para Biodiversidade [FUNBIO], 2025).

O povo Tembê-Teneteihar realiza diversas ações que visam a integração entre práticas tradicionais e conservação ambiental. Eles associam manejo e cultivo para os planos de reflorestamento, incluindo espécies frutíferas, com seleção de espécies a partir do manejo direto (domésticas) e indireto (florestais), todas com importância significativa para a cultura Tembê, mas, sobretudo, para garantir a alimentação da fauna destinada à caça (Gonçalves & Machado, 2024). Para os Tembê, a caça vai além da subsistência alimentar, pois está ligada à sua cosmologia e cultura.

Os Tembé-Teneteihar também implementam seus próprios Planos de Gestão Territorial e Ambiental (PGTAs), fortalecendo a autonomia na administração de seus territórios. Esses planos são elaborados coletivamente, com a participação de jovens, mulheres, anciãos, lideranças e detentores de saberes sobre pesca, agricultura, caça, medicina tradicional e outros, e integram saberes tradicionais e promovem o diálogo com instituições públicas, de acordo com os princípios da Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas (PNGATI) (Equipe de Conservação da Amazônia [ECAM], 2016).

A Festa da Menina Moça (Figura 3), realizada nas aldeias da TIARG, é um dos principais eventos bioculturais realizado pelos Tembé-Teneteihar e consiste num conjunto de rituais de passagem e de iniciação de meninas e meninos para a vida adulta (Kahwage & Mendonça, 2017). Esse evento representa a mudança de um status social para outro, onde elementos da biodiversidade, como os já mencionados porcão, guariba, mutum, nambu, jenipapo, tauari, entre outros, são essenciais para sua realização e, portanto, para a preservação da cultura ancestral expressa através dos rituais e tradições festivas. Essa celebração transmite valores ambientais e culturais, reforçando a identidade e a coesão social da comunidade, preparando as moças e rapazes para assumir suas funções sociais na Aldeia (Neves & Cardoso, 2015).

As mulheres Tembé também se destacam na produção de biojóias com sementes, fibras e materiais coletados de forma sustentável, atividade que fortalece a autonomia financeira e o empoderamento feminino e valoriza a proteção e a conservação dos saberes tradicionais relacionados ao uso sustentável dos recursos naturais da floresta (Kahwage, 2024).

Figura 3
Festa da Menina Moça, na
Aldeia Tawari, TIARG, 2023.



Ainda sobre os Tembê-Teneteihar, Gonçalves e Machado (2024) afirmam que:

A defesa de suas florestas, que é uma postura ativa e constante, é a defesa de um patrimônio biocultural, desvelado nos seus saberes da cultura alimentar, das práticas de cura, das diversas produções e construções artesanais, que estão associadas às espécies e variedades de fauna e flora da Tiarg. Portanto, quando os Tembê defendem a floresta, eles defendem suas condições básicas de autoconstrução simbólica e material (p. 5).

Por meio dessas ações diversas, desde o manejo sustentável e práticas agroecológicas até a valorização cultural e a inovação educacional, os Tembê demonstram como o conhecimento tradicional é essencial à conservação biocultural e ao enfrentamento das crises ambientais e culturais contemporâneas.

A categoria ‘R-existência e Memória Cultural’ evidencia que, apesar do histórico de colonialismo e pressão externa, os Tembê operam uma ‘r-existência’ ativa. Os dados categorizados mostram que a memória das invasões desde a década de 1970 é o motor para as atuais estratégias de reflorestamento e vigilância. O resgate de festas tradicionais como a Festa da Menina Moça é uma ação política deliberada para reocupar o território por meio da cultura. Conforme relatado por Walber Tembê, da Aldeia Tawari: “Para essa festa dar continuidade, nós precisamos do nosso território. Para o nosso território dar continuidade, nós precisamos que nós tenhamos esse ritual dentro do nosso povo. [...] Ele é uma potência que mostra que o povo também existe”¹⁰. A análise nos mostra que a retomada da bioculturalidade surge, portanto, como um ato de resistência contra a desterritorialização histórica.

Porque pra gente participar, pra nós fazer nosso ritual, nós precisamos do nosso território. Quando o nosso território é devastado, a gente sofre, né? A gente sofre porque a gente vê que a nossa cultura está sendo ameaçada, porque o nosso território está sendo ameaçado. Então, quando o nosso território sofre, a gente sofre, porque a gente é território, né? ... O nosso povo existe, ele resiste através do nosso ritual. ... E quando o nosso território é devastado, além da pessoa que está invadindo, que está devastando o território, ele não está devastando só o material, ele está devastando também o imaterial. Porque isso faz parte da nossa espiritualidade do povo Tembê, tradicionalmente. Porque o território, ele precisa de nós. Nós precisamos do território. Então, além dele mexer da parte material, ele mexe com a parte imaterial do território do povo indígena. A questão do imaterial seria o que? O espiritual (Walber Tembê).

O depoimento de Walber Tembê evidencia a indissociabilidade entre território, cultura, identidade e espiritualidade no contexto do povo Tembê. Ao afirmar que “a gente é território”, o interlocutor expressa uma concepção relacional do território, que ultrapassa a noção material ou jurídica de terra e se afirma como extensão do próprio ser coletivo indígena. Nessa perspectiva,

¹⁰ Entrevista com Carlos Walber dos Santos Tembê, na Aldeia Tawari.

o território não é apenas o espaço onde a vida se desenvolve, mas constitui a própria base de existência física, cultural e espiritual do povo. A fala revela que os rituais tradicionais dependem diretamente da integridade territorial, reforçando que as práticas culturais não podem ser dissociadas do ambiente onde historicamente se constituíram. A devastação do território representa um rompimento profundo na continuidade cultural, afetando rituais, saberes ancestrais e modos de vida transmitidos entre gerações.

5 Considerações Finais

A análise realizada evidencia que a bioculturalidade constitui uma estratégia essencial de r-existência dos povos indígenas frente às múltiplas ameaças impostas à sua existência, principalmente quando se trata de questões como a perda territorial, a degradação ambiental e o apagamento cultural. No caso dos Tembé-Tenetejar, a interdependência entre território, diversidade biológica e práticas culturais constitui-se em um eixo estruturante da identidade e da r-existência da etnia

O estudo demonstrou que os impactos causados pelas mudanças climáticas, pela perda da biodiversidade e pelos conflitos territoriais se traduzem em violência cultural e espiritual, revelando que a destruição territorial implica a erosão de elementos imateriais fundamentais à identidade do povo Tembé-Tenetejar, afetando diretamente os rituais e a sua organização social. A destruição de plantas e animais simbólicos compromete a realização de festas tradicionais, como a Festa da Menina Moça, evidenciando como a erosão ambiental pode levar à erosão cultural. A defesa do território, da biodiversidade, da cultura e da espiritualidade estão no centro da luta dos Tembé-Tenetejar por dignidade, autonomia e continuidade cultural.

Por outro lado, a retomada das práticas tradicionais, a elaboração dos PGTAs, o manejo sustentável dos recursos e a valorização do conhecimento ecológico tradicional demonstram a capacidade de resiliência e de r-existência dos Tembé-Tenetejar. Suas ações em defesa da floresta e da cultura revelam uma profunda compreensão ecológica e espiritual do território, exemplos concretos de conservação biocultural. Reconhecer, apoiar e valorizar essas estratégias é fundamental para a promoção de justiça socioambiental e para a construção de políticas públicas efetivas que respeitem os direitos e os modos de vida dos povos indígenas.

A juventude Tembé-Tenetejar tem sido protagonista nas ações de salvaguarda da terra indígena, seja através da Brigada de Guardiões Indígenas, seja na participação ativa nas organizações civis, ou, simplesmente, no envolvimento direto na realização dos eventos bioculturais que acontecem nas aldeias da TIARG, configurando-se, de acordo com a fala de caciques e anciãos, como uma grande esperança para a etnia e para toda a nação indígena brasileira.

As análises apresentadas demonstram que, para o povo Tembê-Tenetechar, a biodiversidade da TIARG é um componente vital de sua estrutura social e espiritual. A interdependência biocultural revela que a escassez de fauna e flora específicas atua como um limitador das práticas rituais, porém, o esforço de retomada de festas como a Festa da Menina Moça e a Festa das Crianças sinaliza uma estratégia de r-existência ativa.

Conclui-se que a proteção territorial deve caminhar aliada ao fortalecimento das práticas culturais, garantindo que as futuras gerações disponham dos elementos biológicos necessários para a manutenção de sua cosmologia. Recomenda-se, para estudos futuros, o acompanhamento dos impactos dos projetos de reflorestamento comunitário na recuperação da fauna sinantrópica e na vitalidade dos ritos de passagem.

Agradecimentos

Este artigo é um recorte de uma Tese de Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Biotecnologia – Rede BIONORTE (PPG-BIONORTE) intitulada “Conservação da Biodiversidade na Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG), estado do Pará, por meio das Práticas Bioculturais da Festa da Menina Moça do povo Tembê-Tenetechar”. Meus agradecimentos à Universidade do Estado do Pará (UEPA), pela concessão de bolsa de estudo. Agradeço também aos caciques e lideranças, professores e anciãos das aldeias Frasqueira, Ita-Putyr, São Pedro, Sede e Tawari, pelo acolhimento e disponibilidade ao longo da minha pesquisa de campo.

Referências

- Alonso, S. (1999). A disputa pelo sangue: reflexões sobre a constituição da identidade e “unidade tembê”. *Novos Cadernos NAEA*, 2 (2), 33-56. <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/108/162>.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Berkes, F., Colding, J. & Folke, C. (2000). Rediscovery of Traditional Ecological Knowledge as Adaptive Management. *Ecological Applications*, 10 (5), 1251–1262. <https://doi.org/10.2307/2641280>.
- Camara-Leret, R. & Bascompte, J. (2021). Language extinction triggers the loss of unique medicinal knowledge. *Proc. Natl Acad. Sci.* 118 (24), 1-5. <https://doi.org/10.1073/pnas.2103683118>.
- Cruz, F. (2024). *No Pará, indígenas do Alto Rio Guamá pedem ajuda contra incêndios*. <https://revistacenarium.com.br/no-para-indigenas-do-alto-rio-guama-pedem-ajuda-contraincendios/>
- Comissão Pastoral da Terra. (2025) *Conflitos no Campo Brasil 2024*. CPT. <https://www.cptnacional.org.br/caderno/conflitos-no-campo-brasil-2024/>.

- Dias, C. (2010). *O povo Tembê da terra Indígena Alto Rio Guamá: construindo vias de desenvolvimento local?* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará]. Biblioteca digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal do Pará. <https://repositorio.ufpa.br/bitstreams/efc74710-29c9-4e19-95be-33a8e16f58cc/download>.
- Decreto nº 307, de 21 de março de 1945. (1945). Reserva área de terras aos índios Tembê, Timbira, Urubu e outros. <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/decreto-n-307-de-210345-reserva-area-de-terras-aos-indios-tembe-timbira-urubu-e>.
- Equipe de Conservação da Amazônia. (2016). *Gestão, novas tecnologias e proteção territorial: a experiência Tembê*. <https://ecam.org.br/noticias-e-editais/noticias/gestao-novas-tecnologias-protecao-territorial-a-experiencia-tembe/>.
- Fundação Amazônia Sustentável. (2025) *Povos indígenas: aliados essenciais na proteção da Terra*. <https://fas-amazonia.org/povos-indigenas-aliados-essenciais-na-protecao-da-terra/>.
- Fundo Brasileiro para Biodiversidade. (2025). *Ywy Ipuranguete: Conservação da Biodiversidade em Terras Indígenas*. <https://www.funbio.org/terras-indigenas-avancam-na-protecao-ambiental-e-gestao-sustentavel-no-brasil/>.
- Furtado, M. de S. & Pilletti, E. A. (2022). Saberes do Ritual da Moça na construção do Sujeito Tembê, no Território do Guamá. *Periferia*, 14 (1), 46-68. <https://doi.org/10.12957/periferia.2022.55900>.
- Garnett, S.T., Burgess, N. D., Fa, J. E, Fernández-Llamazares, A., Molnár, Z., Robinson, C. J., Watson, J. E. M., Zander, K. K., Austin, B. Brondizio, E. S., Collier, N. F., Duncan, T., Ellis, E., Geyle, H., Jackson, M. V., Jonas, H., Malmer, P., McGowan, B., Sivongxay, A. & Leiper, L. (2018). A spatial overview of the global importance of Indigenous lands for conservation. *Nature Sustainability*, 1, 369–374. doi: 10.1038/s41893-018-0100-6.
- Gerência de Monitoramento Territorial Indígena da Coiab. (2024). *Amazônia à Beira do Colapso: Boletim Trimestral da Seca Extrema nas Terras Indígenas da Amazônia Brasileira* (2a ed.) Coiab. <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/c3d00076.pdf>
- Gil, A. C. (2021) *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (7a ed.). Atlas.
- Gonçalves, J. da S. & Machado, E. F. (2024). Caça e biodiversidade entre os Tembê: uma reflexão a partir do conceito de Floresta Antropogênica. *Cadernos de Agroecologia*, 19 (1), 1-6. <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/issue/view/14>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2023). *Censo Demográfico 2022: Indígenas, primeiros resultados do universo*. <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102018>
- Intergovernmental Science-Policy Platform on Biodiversity and Ecosystem Services. (2019). *Summary for policymakers of the global assessment report on biodiversity and ecosystem services*. https://files.ipbes.net/ipbes-web-prod-public-files/inline/files/ipbes_global_assessment_report_summary_for_policymakers.pdf.
- Kahwage, C. M. C. (2024). *Biojóias do Povo Tembê: mulheres indígenas e produção de arte com sementes*. (v. 3). Ideflor-Bio.
- Kahwage, C. M. C. & Mendonça, G. B. (2017). Manifestações Culturais: Kàwi'u Haw e Wyra'u Haw (Festa do Mingau e Festa do Moqueado). In: Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade. *Gestão Ambiental e Territorial da Terra Indígena Alto Rio Guamá: Diagnóstico Etnoambiental e Etnozoneamento* (pp.95-120). Ideflor-Bio.

- Kovach, M. (2010). *Indigenous methodologies: Characteristics, conversations, and contexts*. University of Toronto Press. https://www.researchgate.net/publication/235413280_Indigenous_methodologies_Characteristics_conversations_and_contexts.
- Lima, D. & Apel, L. (2023). *Quatro meses de seca na Amazônia: equipes do Cimi Regional Norte I apresentam os impactos aos povos indígenas*. CIMI. <https://cimi.org.br/2023/12/quatro-meses-de-seca-na-amazonia-equipes-do-cimi-regional-norte-i-apresentam-os-impactos-aos-povos-indigenas/>.
- Maffi, L. (2014) *Biocultural Diversity Toolkit: an introduction to biocultural diversity*. Terralingua.
- Maffi, L. & Woodley, E. (2010) *Biocultural diversity conservation: a global sourcebook*. Earthscan.
- Ministério da Ciência e Tecnologia. (2005). *Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima*. MCT.
- Ministério Público Federal. (2023). *Em cumprimento de sentença favorável ao Mpf, governo inicia retirada de não indígenas de terra indígena no Pará*. <https://www.mpf.mp.br/pa/sala-de-imprensa/noticias-pa/desintrusao-terra-indigena-alto-rio-guama>.
- Nações Unidas. (2022). *Causas e Efeitos das Mudanças Climáticas*. <https://www.un.org/pt/climatechange/science/causes-effects-climate-change>.
- Neomondo. (2022). *Atividades produtivas de povos indígenas conservam de 114 milhões de árvores na Amazônia*. <https://neomondo.org.br/biodiversidade/atividades-produtivas-de-povos-indigenas-conservam-de-114-milhoes-de-arvores-na-amazonia>.
- Neves, I. S. & Cardoso, A.S.P. (2015). *Patrimônio Cultural Tembê-Tenetehara: Terra Indígena Alto Rio Guamá*. Iphan-PA.
- Os Tembê: em busca da indianidade perdida? (1980, janeiro/fevereiro). *Porantin*, 3 (15), p. 7. <https://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=HemeroIndio&pagfis=34267>.
- Palmquist, S. (1981). *Tembê: a ameaça da extinção de um povo*. Cimi Norte II. <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/os-tembe-tenetehara>.
- Pinheiro, K. (2023). *Sem respirar e sem água: impactos da seca histórica no Amazonas*. <https://oeco.org.br/reportagens/sem-respirar-e-sem-agua-impactos-da-seca-historica-no-amazonas/>.
- Posey, D. A. (Ed.). (1999). *Cultural and Spiritual Values of Biodiversity*. UNEP/ Intermediate Technology Publications.
- Ribeiro, B. E. da S. & Meira, M. (2021). Tudo era indígena: território, exercícios tutelares e processos de r-existência entre os Tenetehar-Tembês no século XX. *Acervo*, 34 (2), 1-25. <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/1691>
- Sales, N. P. (2000). *Pressão e Resistência: os índios Tembê-Tenetehara do alto rio Guamá e a relação com o território*. UNAMA.
- Stepp, J. R., Cervone, S., Castaneda, H., Lasseter, A., Stocks, G. & Gichon, Y. (2004). Development of a GIS for Global Biocultural Diversity. *Policy Matters*, 13, 267-270.
- Toledo, V. M. & Barrera-Bassols, N. (2015). *A memória Biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais*. (R. L. Peralta Trad.). Expressão Popular.
- Valente, R. de M. (2017). Caracterização e histórico da terra indígena Alto Rio Guamá. In: Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade. *Gestão Ambiental e Territorial da Terra Indígena Alto Rio Guamá: Diagnóstico Etnoambiental e Etnozoneamento* (pp. 31-44). Ideflor-Bio.

- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22 (44), 203-220.
- Vijaykumar, R. (2019). Integrating Indigenous Knowledge and Traditional Practices for Biodiversity Conservation in a Modern World. *Environmental Reports: an International Journal*, 1 (2), 4-7. doi: <https://doi.org/10.51470/ER.2019.1.2.04>.
- Wagley, C. & Galvão, E. (1961). *Os Índios Tenetehara: uma cultura em transição*. Ministério da Educação e Cultura.